

*coches* pois se podia arredondar depressa uma vara, descarnar um osso e transformá-lo numa agulha ou num furador. Apresento um instrumento dêste género na fig. 7. Tem 0<sup>m</sup>,57 de comprido, e o *coche* 0<sup>m</sup>,012 de abertura.

A fig. 6 que também acompanha êste artigo mostra a forma geral dos raspadores côncavos, podendo a abertura porém ser mais fechada.

Facas e raspadores dos tipos descritos, caracterizam, como disse, as épocas acheuleana e mustereana. Podemos portanto afirmar que a estação paleolítica de Monsanto I foi habitada em tempos coevos daqueles em que florescia na Europa, e talvez pelo velho mundo todo, essa vigorosa civilização do Paleolítico Inferior que, apesar de rudimentar, já representava um avanço considerável sobre uma época anterior da humanidade.

VERGÍLIO CORREIA.

## Pelo Alentejo

### Arqueologia e etnografia

Por convite do Sr. António Paes, de Avis, que, ilustrado como é, consagra grande amor à história da sua terra, fiz últimamente uma excursão arqueológica pelo Alentejo, e d'ela vou aqui dar notícia rápida, enquanto não posso tratar de modo especial os assuntos que estudei.

Dia 5 de Agosto de 1912.—Às oito horas e meia da manhã embarquei no Terreiro do Paço para o Barreiro. Pelas três horas e meia da tarde cheguei a Extremoz, onde o Sr. António Paes me aguardava. Aí pernoitámos.

Dia 6 de Agosto de 1912.—Às cinco horas da manhã partimos em trem para Avis. Às seis horas e meia passámos nos campos de Santa Vitória do Ameixial, local da batalha que D. Afonso VI deu contra os Castelhanos, ganha a D. João de Áustria pelo conde de Vila-Flor, como consta de um padrão erecto à esquerda da estrada.—Na povoação de Santa Vitória o Rev.<sup>do</sup> Manuel Diogo Grego, prior da freguesia, teve a bondade de me mostrar umas ruínas romanas, e de me dar um instrumento de ferro, que julgo também romano.—No Cano, extensa aldeia, obtive alguns objectos etnográficos curiosos, e um lindo machado neolítico de fibrolite.—Pelos campos

viam-se homens *trilhando* os trigos nas eiras com *trilhos*, e nos caminhos passavam carros carregados de palha em redes. O sol escaldava. Por ali raream as árvores, e só alguma nuyem enviava refrigério ao viandante encalmado:

Alentejo não tem sombra,  
Senão a que vem do céu,

diz uma cantiga. — Às onze horas, depois de atravessarmos as pobres ágoas do Alcórrego, e muitos montados, por onde pastavam manadas de porcos, avistámos a vila de Avis, alvejante num outeiro em que sobresaíam algumas tórres das desmanteladas muralhas e num ângulo as ruínas do convento dos freires. Habitado desde a infância a ouvir celebrar as façanhas d'esse glorioso príncipe que por antonomásia chamam o *Mestre de Avis*, architectara eu no meu espirito outra magnificência de terra. Nada! Ruas estreitas e íngremes, calcetadas de má pedra; a igreja, vasta, sim, mas desprovida de objectos de arte ou archeologia, se exceptuarmos as tampas sepulcrais brasonadas que lhe formam boa parte do pavimento; campinas sêcas; horizonte melancólico. Ao primeiro aspécto eu poderia pois supor que havia fundamento no provérbio: *Avis*, || *terra que Deus não quis!* e contudo enganava-me, porque o provérbio, nascido da necessidade da rima, provocada por emulação de povos vizinhos, não tem originalidade (cf.: *Baldige*, || *terra que Deus num quije*); além d'isso a vila, embora sem monumentos, possui casas ricas, é comercial, e está animada de ideas de progresso. — Como, por muito que se caminhe, o passado custa a acabar, ou mesmo não acaba de todo, lá ficou por Avis vinculada a certas denominações locativas a saudade dos freires, mais ou menos inconsciente: *casa do Prior-mor*, *rua de Fr. Felipe*, *horta de Fr. Henrique*, e um pouco distante, porém ainda dentro do concelho, *herdade da Ordem*. Para algum *amador de antigos sonhos*<sup>1</sup> a saudade torna-se até talvez visão, e como que passam um momento diante d'ele, galopando em cavalos estrepitosos, nas ruas ladeirantas da vila, outr'ora fortificada, os guerreiros de S. Bento, que, por um d'estes contrastes em que abunda a história, esparziam com a espada a morte, ao mesmo tempo que com a cruz incitavam os povos à vida mística. — Mas deixemos a poesia, e vamos à realidade. Duas cousas me cativaram logo que cheguei: a affectuosa hospedagem que recebi em casa do Sr. António Paes, e a generosidade de vários

<sup>1</sup> A. Herculano, *Poesias*, 7.<sup>a</sup> edição, p. 8.

amigos seus, os Srs. Manoel Maximiano de Oliveira, secretário da câmara municipal, Alfredo Barreto da Guerra Paes, secretário da administração, e Benjamim Vitorino Rivo, comerciante, que me favoreceram com objectos arqueológicos que eu trouxe para o Museu.—O Sr. António Paes reúne ao seu trato obsequioso cultura literária esmerada, e dispõe de boa biblioteca, onde não faltam obras gerais de Etnografia (sciência que êle sobretudo preza), enciclopédias, ilustrações: de modo que, a par com a perspectiva de excelente messe de objectos para o Museu, e de notas para os meus estudos, eu ia ficar envolto em uma atmosfera intelectual que me duplicaria o prazer da minha estada nas terras transtaganas. E assim aconteceu.

Dia 7 de Agosto de 1912.—Fui com o Sr. António Paes ao Ervedal, para visitar, como visitei, a Ladeira, propriedade em que por vezes aparecem restos antigos,—telhas, colunas, capitéis, moedas, cacos. No Ervedal travei relações com os Srs. Dr. José Paes Teles, e Francisco António Paes, ricos lavradores, irmãos do meu hospedeiro. Com o concurso de todos estes senhores obtive uma ara lusitano-romana consagrada ao deus FONTANUS, pertencente ao Sr. Teodoro Simões de Faria, que de boa mente a cedeu. A Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Mariana Queiroga Paes, esposa do Sr. Dr. Paes Teles, ofereceu-me um curiosíssimo objecto de pedra (fibrolite), que representa dois machados neolíticos em via de fabrico,—e os Srs. António Paes da Cunha e Sá, Condorçet Paes da Cunha e Sá, e Mário Paes da Cunha e Sá, sobrinhos dos Srs. Paes, e estudantes do Liceu de Évora, alcançaram-me no povo muitos objectos etnográficos e arqueológicos. Na freguesia da Figueira dos Barros mostrou-me o Sr. António Paes duas antas: uma desmantelada, outra ainda com o seu chapéu e mamôa,—mas ambas exploradas havia muito tempo. Ainda assim, mandei reexcavar aquela que me pareceu conteria alguma cousa, e efectivamente aí encontrei um machado de pedra polida e uma mó; na outra não fiz mais do que pesquisas, porque toda ela estava mexida.

Dia 8 de Agosto de 1912.—Nova visita ao Ervedal, onde o Sr. Dr. Paes Teles me deu uma moeda arábica de prata, um marrão de ferro, e uma urna de mármore, tudo da Ladeira, e me adquiriu do Sr. Joaquim Paula Varela de Brito um capitel de mármore. O Sr. Francisco António Paes deu-me um tejo com uma inscrição romana, também de Ladeira.—Mandei proceder a excavações nesta propriedade, e pôs-se a descoberto parte de uma casa.

Dias 9 e 10 de Agosto de 1912.—Continuação das excavações na Ladeira. À hora de sésta fui à Figueira dos Barros com o Sr. António Paes e seu sobrinho Condorcet: obtivemos por lá vários objectos para o Museu. Também nos arredores d'aquella povoação, sítio do Zambujal, visitámos uma penedia granítica onde ha uma fenda chamada míticamente pelo povo *Cova da Moura*.

Dia 11 de Agosto de 1912.—Passei o dia em Avis com o Sr. António Paes. Sua espôsa, a Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Ana de Castro Paes, ofereceu-me alguns objectos artistico-etnográficos; o Sr. José Francisco da Costa uma colecção de utensilios caseiros feitos de cabaços e cabaças; e o Sr. João Márques Serrão um machado neolítico.

Dia 12 de Agosto de 1912.—Continuação da exploração da Ladeira.

Dia 13 de Agosto de 1912.—Estive em Avis, onde encaixotei os objectos adquiridos nessa vila, e parte dos adquiridos no Ervedal.

Dia 14 de Agosto de 1912.—Parti com o Sr. António Paes e seus sobrinhos para a grande herdade de Pero-Viegas, da qual se póde dizer aquilo de Sá de Miranda acêrca dos arrabaldes de Roma:

Por estes campos sem fim  
Em que a vista assi se estende...

nas *Poesias*, edição de D. Carolina Michaëlis, p. 16. Ela pertence ao Sr. Dr. Júlio Mário da Cunha e Sá, cunhado do Sr. Paes. Houve lá em tempo uma anta cuja séde era ainda mais ou menos conhecida: procedi no local a excavações, mas sem resultado; em compensação os sobrinhos do Sr. Paes ofereceram-me alguns machados neolíticos encontrados na herdade, ou perto, e eu colhi em várias casas objectos ethnográficos.

Dia 15 de Agosto de 1912.—De manhã cedo deixei a herdade, onde fui muito bem agasalhado, e dirigi-me às Galveias. O Sr. Paes e seus sobrinhos tiveram a bondade de me acompanhar. Aí nos esperava de braços abertos o Sr. Pedro Paulo de Carvalho, parente do Sr. Paes, e meu conhecido de outros tempos, em que, igualmente em explorações archeológicas, eu por lá andara com o Dr. Matos Silva, de Ponte de Sor. Nas Galveias fiz farta colheita de machados de pedra polida, mercê do auxilio do Sr. Carvalho, dos sobrinhos do Sr. António Paes, e do Sr. Raúl de Carvalho, aluno da Es-

cola de Medicina Veterinária de Lisboa. Também obtive objectos de etnografia moderna, tais como: um *teigo* de cortiça, uma *corn* ornamentada, etc. O Sr. Cosme Godinho da Costa Braga, por intermédio do Sr. António Paes, presenteou-me com o belo espólio cerâmico de uma sepultura romana aparecida em uma propriedade sua.—Nesse dia fiquei nas Galveias, em casa do Sr. Pedro Paulo de Carvalho.

Dia 16 de Agosto de 1912.—Voltei a Lisboa, por Ponte de Sor, onde visitei o meu velho amigo Dr. Matos Silva, de quem várias vezes tenho falado no *Archeologo* como de um dos maiores e mais inteligentes fautores do engrandecimento do Museu Etnológico, que d'esta vez lhe ficou devendo outro beneficio, pois o Dr. Matos Silva me deu dois espécimes de *terra sigillata*, ou loiça aretina, descobertos recentemente por êle no concelho de Ponte de Sor.

\*

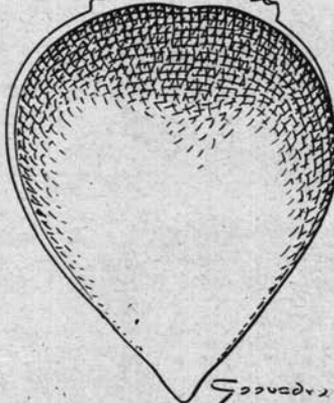
Recebam sinceros agradecimentos todas as pessoas que na minha excursão me obsequiaram. Não só muitas das secções do Museu se enriqueceram (Etnografia<sup>1</sup>, Arqueologia preistórica e romana, Numismática), mas alguma cousa se lançou também de novo no tesouro

---

<sup>1</sup> Para a secção de Etnografia vieram principalmente objectos de cortiça (*tarros, teigos, saleiros*), de chifre (*cornas, colheres*), e de madeira (*sovinos, tecedores, sarilhos, colheres, pintadeiras*), fabricados na paz e solidão dos montados alentejanos por pastores, que, apesar de analfabetos, manifestam aí caracteres artísticos muito dignos de observação. No Museu já existiam numerosos objectos desta espécie, mas a colecção fica mais enriquecida agora. Os pastores servem-se do canivete ou navalha como único instrumento de incisão, e produzem assim no seu género verdadeiras obras primas: os assuntos do desenho são tirados ou da natureza (flores, animais, estrêlas), ou da imaginação (florões, figuras geométricas), ou das crenças (sino-saimão, cruz), ou da vida quotidiana (touradas, moedas). Cfr. as estampas juntas (desenhos de João Saavedra).—A colecção d'estes e semelhantes objectos, a par com o valor etnográfico-artístico dos mesmos, tem tambem valor lexicológico, ao qual sempre atendo ao procurá-los.—O que digo aqui é muito sumário, não só porque a ocasião não se presta, como porque tenciono tratar do assunto com maior desenvolvimento em um dos volumes da minha *Etnografia Portuguesa*, em que há muitos anos trabalho.—Para terminar, notarei que no Museu Etnográfico de Roma vi objectos análogos aos nossos: copos, polvorinhos, caixas de rapé,—feitos de chifre de boi por pastores de toda a Itália, e ornamentados com figuras de flores e de animais, com emblemas religiosos, etc. («*intagliati a punta di coltello*»). Vê-se que se justifica sempre o adágio: *Quem não tem que fazer, faz colheres*,—embora no caso presente se nos deparem belos espécimes de ARTE PASTORIL.



Sovino—Avis (1/2)



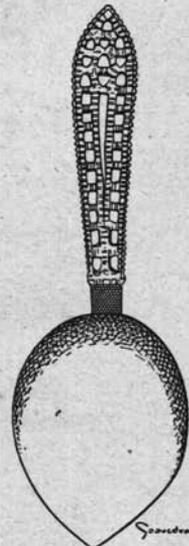
Colher—Elvas (1/1)



Colher—Montemor-o-Novo (1/2)



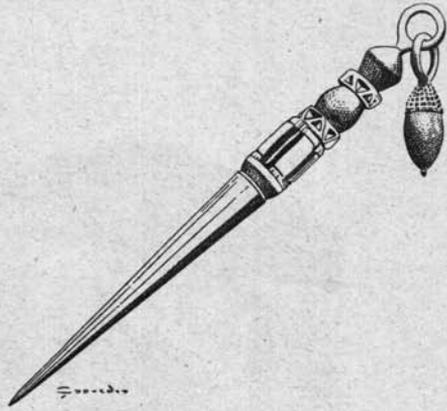
Colher—Avis (1/6)



Colher—Grândola (1/2)



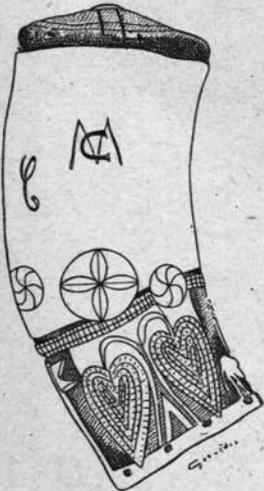
Corna — Cano, Estremoz (1/2)



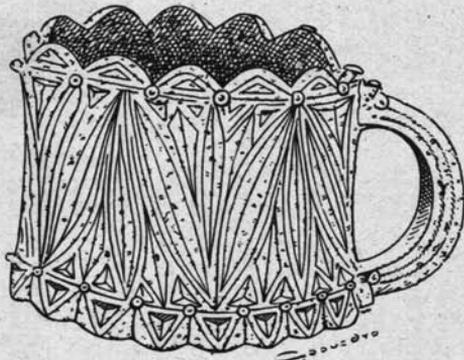
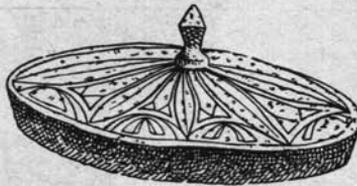
Sovino — Avis (1/2)



Pintadeira — Avis (1/4) Do lado oposto tem uma péga



Corna — Cano, Estremoz (1/2)



Saleiro — Évora (1/4)



geral da sciência, qual foi a inscrição latina de *Fontanus*, e sobretudo o pedaço de fibrolite do Ervedal, que nos indica um dos processos de que o homem neolítico se servia para fabricar os seus instrumentos,—processo que pela primeira vez se revela aos arqueólogos, tanto de Portugal, como, segundo penso, lá de fora.

J. L. DE V.

## Miscelânea arqueológica

### 1. Curiosidades da velha Alfama

Retomando o percurso começado no artigo anterior, através da velha Lisboa, seguimos do largo de Santo Estêvão, onde deixámos o leitor admirando o soberbo panorama, para o largo do Salvador, através dos torcicolos de várias ruazinhas; caminho andando vemos a extrema da Rua do Vigário, que tem hoje prédios só dum lado por os do oposto terem caído quasi todos de velhos e, assim, o município vai obtendo uma rua relativamente larga, que entestando com a dos Remédios e do Paraíso e juntando-se na outra extremidade com a de S. Vicente formará a principal artéria, ligando a parte marginal, com os alegres e arejados altos da Graça.

Num dêsses recantos fica o beco dos Biguinhos, nome que evoca a existência, ali, dalgum extinto recolhimento daqueles medievais beatos pedintes; perto depara-se-nos a Rua de Santa Helena onde conhecemos o profundo e baixo Arco Pequeno, hoje desaparecido, contrastando com o próximo Arco Grande de S. Vicente, qualquer dêles servindo de passagem para dependências do Patriarcado; para essa estreita rua abre-se num largezinho, um amplo portão dando entrada para um oasis, ou seja o solar dos Siqueiras, um excelente palacete antecedido de magnífico arvoredado e com uma vista sôbre a Alfama, Tejo e suas margens sul, em nada inferior à de Santo Estêvão.

Reproduzindo nós, duma miniatura, o retrato dum antepassado dessa familia illustre, há anos numa das salas do antigo palacete, a quem escreve estas anotações, foi-lhe apresentado pelo último Conde de S. Martinho, um alto bastão ávívado de escarlate com desenhos dourados, muito interessante.

—¿Sabe o que isto é? perguntou-me o venerando fidalgo.

—Ignoro, talvez seja pertença dalguma irmandade, alvitrei.

—É a vara do último Juiz do Povo da cidade de Lisboa,—disse-me o falecido conde, apresentando à minha curiosidade a insígnia do principal dos mesterais da célebre Casa dos Vinte e Quatro, uma autêntica reliquia histórica; narrou-me depois que a obtivera quando